

CINEMA

Centro Afro Carioca de Cinema

Por Roberto Oliveira

Jornalista e rapper

E-mail: eddimc2001@yahoo.com.br

No final do ano passado, mais precisamente em novembro, aconteceu no Rio de Janeiro o II Encontro de Cinema Negro Brasil-África e América Latina. O encontro traz anualmente para o público filmes que dificilmente seriam vistos em salas de cinema. Para participar, o diretor do filme tinha apenas que ser negro, ou preto, como eles dizem sem a menor vergonha e intenção de ofender alguém. E porque essa exigência?



Zózimo Bulbul é um dos primeiros e poucos atores pretos a atuarem como protagonistas em filmes e produções audiovisuais nacionais e, provavelmente é mais famoso fora do que aqui no país. Ele dirige com sua esposa e uma pequena equipe de colaboradores no bairro da Lapa o Centro Afro Carioca de Cinema, de onde emite a mensagem: tem gente que faz cinema e não tem onde exibir porque não querem passar filme de preto.

Na época do encontro eu ainda estava como estagiário no Canal Futura e sugeri a pauta para o Jornal Futura, prontamente aprovada. Conheci cineastas brasileiros, cubanos e de países africanos, como Burkina Faso e Senegal. O cineasta desse último país, Mansour Wade, contou que no Senegal I havia muitos cinemas e

hoje, a maioria foi transformada em centros comerciais. Com isso, é praticamente impossível seus conterrâneos assistirem suas obras.

Num país grande como o nosso, onde as desigualdades por causa da cor ainda existem e a população negra é a metade do total, é extremamente importante assistirmos outros tipos de dramaturgia. Cinema mexe com o imaginário e é um ótimo contador de histórias. Além do encontro anual, o Centro ainda promove oficinas de roteiro e produção executiva para cinema.

Para muitas pessoas a coisa mais difícil é imaginar uma pessoa preta quando se fala em algumas profissões: cineasta, por exemplo. Isso porque pode estar cristalizado em suas mentes algumas associações que o próprio cinema e a televisão fazem entre papéis sociais e cor. Empregada – preta, jornalista-branco, ladrão-preto, doutor-branco, e assim não falamos de racismo, apenas o aceitamos. É com esse tipo de construção que Zózimo e os diretores negros reunidos no mês de novembro querem acabar e, mostrar com um ingresso de apenas 2 reais, a diversidade de histórias que ainda não conhecemos.

Africanos fazem bons filmes. Cheguei a assistir lá mesmo no Afro Carioca (eles tem uma pequena sala de projeção com capacidade para 30 pessoas mais ou menos) um filme do Mali, sobre um rapaz que tentava de qualquer jeito ir para a França, bem diferente de Hollywood. Essa diversidade cultural só pode ser positiva. Quanto mais informação diferente (boa informação) você tem acesso, maior seu leque cultural. Porque as pessoas gostam tanto de viajar? Ver coisas diferentes acredito eu, é a principal resposta.

Pra quem nunca tinha ouvido falar, está dada a dica; na Lapa, rua Joaquim Silva, nº 40, está instalado o Centro Afro Carioca de Cinema, que além de filmes traz oficinas e a oportunidade de refletir sobre nossa existência e sobre a censura que se faz das diversas opções que poderíamos ter para assim, conhecermos mais sobre nós mesmos. E fiquem ligados no III Encontro, provavelmente no mesmo mês de novembro, o mês mais afro-brasileiro.

Axé.